



O Jornalismo Científico e o sensacionalismo nas páginas da revista Galileu¹

Bruna SALVADOR²

Camila AGOSTINI³

Benami BACALTCHUK⁴

Sônia BERTOL⁵

Universidade de Passo Fundo - UPF

Resumo

Por meio de análise de conteúdo, examinou-se a presença do jornalismo científico e do sensacionalismo nas páginas da revista Galileu. Através de pesquisa quantitativa e qualitativa o trabalho analisa quatro reportagens, para entender a forma usada para fazer a abordagem dos temas exercendo o jornalismo científico e usando ou não o sensacionalismo. A Galileu, que usa o lema “o futuro antes” busca apresentar ao leitor tudo aquilo que é produzido e descoberto pelo homem. Na revista, a carga maior registrada nas reportagens é em gírias, em dois momentos fica claro o uso de linguagem coloquial e jargões. Também há pouca evidência de que a revista se vale de sensacionalismo já que se percebe esta prática de forma sutil, sendo usada somente na capa de uma das reportagens analisadas, ficando claro, portanto, uma mescla de ciência com sensacionalismo na chamada de capa, mas não no conteúdo.

Palavras-chave

Comunicação; Jornalismo Científico; sensacionalismo; revista Galileu; análise de conteúdo.

Corpo do trabalho

Este trabalho tem o objetivo realizar um estudo sobre o jornalismo científico e a forma que ele é usado nas páginas da revista Galileu da Editora Globo. A revista, editada mensalmente, surgiu durante o momento de expansão do mercado editorial brasileiro, foi lançada em 1991 e tinha a proposta de cobrir assuntos de ciência e tecnologia antecipando tendências e interpretando a vida a partir dos conhecimentos da ciência, buscando o público alvo entre 18 e 35 anos. O problema que a pesquisa busca responder é se é de fato produzido jornalismo científico e se existe a presença do sensacionalismo em determinadas publicações. O estudo foi feito a partir de reportagens selecionadas, com diferentes abordagens produzidas e veiculadas pela revista, estruturado inicialmente pela descrição da história do jornalismo, seus gêneros, além de apresentar o jornalismo em revista e o jornalismo especializado em ciência baseado em textos de Meditsch, Arnt, Sodré, Moraes e outros. Também são apresentados conceitos históricos

¹ Trabalho apresentado no INTERCOMSUL 2015, realizado de 4 a 6 de junho de 2015, em Joinville - SC

² Jornalista recém-graduada pelo curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF)

³ Orientanda de Iniciação Científica

⁴ Orientador. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF), benami@upf.br

⁵ Co-orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF), email: sobertol@upf.br



do jornalismo científico e do sensacionalismo em diferentes tópicos, abrangendo os desafios que o jornalista que produz jornalismo científico encontra. Nos tópicos relacionados ao sensacionalismo, o estudo apresenta suas funções e objetivos, através de autores como Bertolli, Oliveira, Rios, Góes, Amaral, além de outros que também complementam os assuntos. O trabalho contempla, ainda, a apresentação da revista Galileu, com apontamentos referentes a seu aspecto gráfico e de linguagem, com textos de Cecílio, Colombo, Lima e Flores. Com referência em Bardin, é apresentada a metodologia usada na análise.

Quanto ao objeto de estudo da presente pesquisa, é possível compreender que a revista Galileu apresenta conteúdo diversificado, com espaço para os mais diversos temas que fazem parte do dia-a-dia comum, ou não, da sociedade. A revista tem conteúdo informativo e apresenta elementos gráficos como ingrediente a mais. Os procedimentos metodológicos empregados na realização do presente trabalho se deram através de análise de conteúdo e bibliográfico analítico, assim fazendo uso de processos bibliográficos como conceitos dos temas relacionados à pesquisa. Bardin (1977, p.13), caracteriza a análise de conteúdo como “essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise das comunicações; é seguir passo a passo, o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa[...]”. Entre as técnicas de pesquisa foram realizadas leituras, fichamentos, pesquisas acadêmicas em torno de palavras-chaves, construção de uma associativa de matérias da revista Galileu do mês de novembro de 2014: 1) Tecnologia: “Estado da arte”; 2) Ciência: “Perigo (quase) invisível”; 3) Sociedade/Comportamento: “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”. Por fim, descrição e análise. A análise possui, segundo Bardin (1977, p. 95), três etapas, três polos cronológicos. “1) A pré-análise; 2) A exploração do material; 3) O tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.” Na pré-análise foi quando todo o material foi reunido e organizado, na segunda parte, a exploração do material funciona como uma “Administração sistemática das decisões tomadas”. A terceira e última etapa é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, “quando os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos.” Após coleta de dados, a análise do conteúdo encontrado será baseada nas Tabelas 1 e 2. Em cada ponto, será feito um diagnóstico referente aos conceitos apresentados nas tabelas de ambas reportagens selecionadas. Neste subcapítulo são apresentados os itens de análise de jornalismo científico usados na Tabela 1.



Tabela 1: Amostragem dos conceitos à serem analisados para o campo qualitativo

Itens	Características do jornalismo científico a serem analisadas	Reportagem de Tecnologia: “Estado da arte”	Reportagem Ciência: “Perigo (quase) invisível”	Reportagem Sociedade/Comportamento: “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”
1	Tradução Interlinguística	1	1	4
2	Originalidade	1	2	2
3	Linguagem contendo termos genéricos	--	--	--
4	Novidade/ assunto aprofundado	1	2	--

Tabela 2: Amostragem dos conceitos à serem analisados para o campo qualitativo

Itens	Características do sensacionalismo a serem analisadas	Reportagem de Tecnologia: “Estado da arte”	Reportagem Ciência: “Perigo (quase) invisível”	Reportagem Sociedade/Comportamento: “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”
1	Apelação emocional	--	--	1
3	Espetacularização	--	--	--
4	Gírias	--	--	5
5	Provocação de assombro	--	1	--

Através do primeiro item da Tabela 1, busca-se encontrar a tradução que o jornalista científico, ou especializado em ciência precisa apresentar em seu texto, de forma que qualquer tipo de público, independentemente de classe ou conhecimento, tenha facilidade em compreender o que está sendo apresentado. Foram encontrados sete trechos nas três reportagens com tradução e linguagem clara, facilmente compreensível de estudos realizados. Segue descrição:

- Na Figura 1, na reportagem “Estado da arte”, no trecho “Entre maio e julho deste ano, o Lab recebeu três artistas que foram selecionados em parceria com o plus, um projeto internacional que busca identificar artistas nascidos após o ano de 1989”, o jornalista apresenta um projeto realizado em parcerias. No trecho seguinte “- os chamados nativos digitais, que não conhecem o mundo sem internet e muito menos sem o Google” a explicação é quanto ao porque e quem são os artistas nascidos após o ano de 1989.

- Na Figura 2, da reportagem “Perigo (quase) invisível”, um box exemplifica um das palavras mais usadas durante o texto “Antiterrorismo”, “Os EUA têm mais de 1,5 mil laboratórios como este localizado em San Francisco. Eles mantêm cepas de agentes patogênicos para pesquisar antídotos contra armas biológicas.”, sendo assim esclarecendo quantos são e para que servem.

- Na Figura 3, na reportagem “Perigo (quase) invisível”, que está destacado em vermelho, é o trecho que consta a tradução interlinguística, como em “[...] ou por meio

de um insight, aquele estalo”, a explicação para um termo pouco conhecido vem logo após citá-lo.

- Na Figura 4, na reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”, o jornalista apresenta rapidamente um estudo realizado nos EUA pela National Bureau of Economic Research, que analisou as idades dos vencedores do Prêmio Nobel. E ainda, complementou com outra fonte que chegou ao mesmo resultado.

- Na Figura 5, também na reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”, um box inserido na parte superior da página, faz referência a cura da poliomielite em 1953, para reforçar o assunto em questão na reportagem, usando como exemplo o fato de o médico Jonas Salk, descobridor da cura, só conseguir evoluir em suas pesquisas após visitar uma igreja, tornando mais fácil o entendimento do leitor.

- Na Figura 6, na mesma reportagem, “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”, após desenvolver de forma simples o tema: “batalha de argumentos”, fazendo questionamentos e no trecho destacado apresentando dados para justificar a seguinte expressão: “A razão para não se ignorar argumentos contrários é simples: ninguém acredita que uma coisa é 100% perfeita”.

Entre maio e julho deste ano, o Lab recebeu três artistas que foram selecionados em parceria com o 89plus, um projeto internacional que busca identificar artistas nascidos após o ano de 1989 — os chamados nativos digitais, que não conhecem o mundo sem Internet e muito menos sem o Google. “É interessante ouvir o que essa geração tem a dizer sobre o uso da tecnologia para produzir ar-

O psicólogo cognitivo John Kounios, especialista em criatividade da Universidade Drexel, nos EUA, estuda os fatores que levam as pessoas a ter o momento de epifania. Em 2006, ele fez um estudo para saber como o cérebro trabalhava enquanto resolvia um problema de forma analítica, por tentativa e erro, ou por meio de um *insight*, aquele estalo. Para isso, sua equipe aplicou um jogo de cruzadinha (como este ao lado), no qual as pessoas teriam de encontrar o termo certo usando três palavras que o descrevessem. Por exemplo, “avó”, “receita”, “doce” poderia se referir a “bolo de cenoura com cobertura de chocolate”. No final, Kounios constatou que o cérebro agia de modo diferente nos dois casos. De certa forma, ambos os métodos podem ser úteis para chegar a uma solução. Mas as pessoas que têm o *insight*, a compreensão repentina, são as que têm mais chances de chegar a uma resposta criativa.

Apesar do currículo invejável dos participantes do estudo de Terman, aquele que reuniu o time de superdotados, nenhum deles alcançou o feito de William Shockley. Quando criança, Shockley foi recusado por Terman porque não tinha um QI alto o suficiente para participar do estudo. Alguns anos depois, com um Nobel de Física na mão, ele olhou a lista de feitos dos superdotados e notou que nenhum deles havia ganhado o mesmo prêmio. A história está cheia de exemplos como o de William Shockley. No livro *Pense Como um Freak*, Levitt e Dubner também ilustram vários casos, com explicações capazes de iluminar qualquer cérebro disposto a aprender. Vamos a eles.

Figura 1: Reportagem “Estado da Arte”



Antiterrorismo:
Os EUA têm
mais de 1,5 mil
laboratórios como
este localizado
em San Francisco.
Eles mantêm
cepas de agentes
patogênicos
para pesquisar
antídotos contra
armas biológicas

Figura 2: Reportagem “Perigo (quase) invisível”

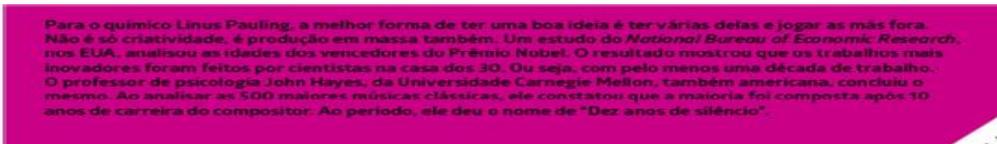


Figura 4: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”

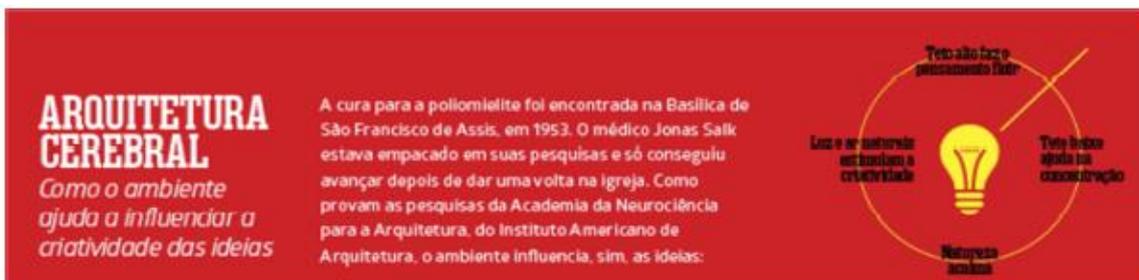


Figura 5: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”



Figura 6: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”



No item originalidade, durante a análise das três reportagens selecionadas, foi possível perceber originalidade em 5 momentos, sendo alguns com demonstrações por meio de imagens para complementar o texto, em outros, infográficos também como complementos.



Figura 7: Reportagem “Estado da arte”



Figura 8: Reportagem “Perigo (quase) invisível”





Figura 10: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”



Figura 11: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”

No item Linguagem Contendo Termos Genérico procurou-se nas reportagens termos genéricos, ou seja, linguagem coloquial, e que se repetem durante o texto, já que ficou claro durante o estudo realizado neste trabalho, que até grandes jornalistas, especializados em ciência a anos, acaba cometendo algumas repetições, tornando esse tipo de termo comum em reportagens de jornalismo científico. Na análise realizada em três reportagens, não foi encontrado nenhum indicativo com termos genéricos. Julga-se

que não há repetições de palavras simples, com pouco valor linguístico, detalhe esse que não descaracteriza como um todo um reportagem de jornalismo científico.

Quanto ao item novidades com assunto aprofundado, em revistas, conforme o estudo bibliográfico realizado neste trabalho, a necessidade do imediatismo não existe, já que as edições não são diárias. Exemplo disto é a *Galileu* que possui publicações mensais, exigindo que o jornalista saiba fazer a ligação e o aprofundamento adequado para que a reportagem seja de interesse da sociedade mesmo sendo tão recente. Durante a análise pode-se perceber três momentos em que é possível perceber claramente quando o jornalista cita a novidade e em seguida faz um aprofundamento, seja histórico ou até mesmo com curiosidades.

Na Figura 12, na reportagem sobre o projeto *Cardboard* desenvolvido em 2011 pelo Google Cultural Institute. Após apresentar o projeto e falar um pouco sobre questões práticas do mesmo, no parágrafo em destaque, o jornalista autor do texto, contextualiza a relação do Google com o mundo das artes, resgatando um pouco de sua recente história.

Na figura 13, o jornalista aprofunda o assunto logo no início do parágrafo, fazendo referência a história dos centros de pesquisa de agentes patogênicos.

Na Figura 14, são inseridas informações adicionais ao texto, fazendo um pequeno aprofundamento e complementando o assunto e apresentando números exatos.

Internet. Criado em 2011 e localizado num prédio típico de Paris, na França, ele tem uma equipe de 25 engenheiros cujo objetivo é encontrar e viabilizar soluções tecnológicas para os mais de 500 parceiros do instituto, entre artistas, museus, arquivos e outras instituições. Sua missão é audaciosa: democratizar o acesso aos tesouros culturais da humanidade.

A relação do Google com o mundo das artes teve início em fevereiro de 2011 com o lançamento do Art Project, serviço que disponibilizava obras de 17 museus do mundo todo, entre eles o MoMa de Nova York, a National Gallery de Londres e o Castelo de Versalhes, na França. Para o lan-

çamento, cada museu escolheu uma obra representativa de sua coleção para ser fotografada em altíssima resolução, graças a uma tecnologia que capta imagens em mais de um bilhão de pixels, permitindo explorá-las em detalhes.

Com o chamado formato gigapixel é possível perceber, por exemplo, a intensidade das pinceladas com a qual o holandês Vincent Van Gogh pintou sua obra-prima *Notte Estrelada*, de 1889.

Além de tornar acessível ao grande público uma riqueza de detalhes até então restrita a poucos especialistas, o projeto aproveita tecnologias desenvolvidas pelo próprio Google para democratizar a arte. É o caso do Street View. Adaptado a espaços interiores, ele permite ao usuário percorrer quilômetros de salas e obter informações detalhadas de cada obra ex.

Figura 12: Reportagem “Estado da arte”



“Ainda há muito a fazer”, diz Coz, que é programador no Google e desenvolveu o Cardboard com o colega Damien Henry (que não é funcionário do Google) graças à política da empresa de permitir que os funcionários dediquem 20% de seu tempo a projetos pessoais. Mais do que uma experiência incrível, o importante era provar que a realidade virtual pode ser mais acessível do que se imagina. “A caixa de papelão é uma solução simples, barata e divertida”, diz Coz. “Ela oferece uma forma de viajar, de ver as coisas de maneira diferente e de educar.”

O projeto Cardboard é o mais recente exemplo do que vem sendo desenvolvido no Google Cultural Institute, braço sem fins lucrativos do gigante da

Internet. Criado em 2011 e localizado num prédio típico de Paris, na França, ele tem uma equipe de 25 engenheiros cujo objetivo é encontrar e viabilizar soluções tecnológicas para os mais de 500 parceiros do Instituto, entre artistas, museus, arquivos e outras instituições. Sua missão é audaciosa: democratizar o acesso aos tesouros culturais da humanidade.

A relação do Google com o mundo das artes teve início em fevereiro de 2011 com o lançamento do Art Project, serviço que disponibilizava obras de 17 museus do mundo todo, entre eles o MoMa de Nova York, a National Gallery de Londres e o Castelo de Versalhes, na França. Para o lan-

Figura 13: Reportagem “Estado da arte”

Os centros de pesquisa de agentes patogênicos existem desde o século 19 e se intensificaram na segunda metade do 20. No auge da Guerra Fria, os soviéticos acumularam vários casos de erros fatais. O mais grave aconteceu em 1979, na cidade industrial de Sverdlovsk, onde 96 moradores foram infectados com anthrax e 64 perderam a vida. Até 1968, quando o presidente Richard Nixon interrompeu o programa de desenvolvimento de armas biológicas dos Estados Unidos, a corrida nuclear era acompanhada de perto por outra iniciativa de alto risco: a busca por armas biológicas. Hoje, os países desenvolvidos fazem pesquisas nessa área de forma defensiva, e não com o objetivo de criar armas. Os laboratórios estão concentrados em países como Estados

da poucas horas do contágio, a capacidade tóxicas delas. E te, ninguém r
Dias depois
tro para Contr
venção de Do
Estados Unid
clou a desco
outra falha gr
uma caixa de
contendo fras
amostras de
nada num edi
da Saúde, em
taminação. A
dois casos nã
e 2009, o Cor
sa do país ide
poderiam ter
população a
O número de
por que labor
bactérias que
A explicação
conjunto de e
bate ao bioter
a estrutura de
mas de contar
para combatê
micro-organi

ENTRE 2003 E 2009, OS EUA IDENTIFICARAM 395 INCIDENTES QUE PODERIAM TER RESULTADO EM EXPOSIÇÃO A BACTÉRIAS E VÍRUS FATAIS

Figuras 14 e 15: Reportagem “Perigo (quase) invisível”

É característica forte do sensacionalismo, uma das principais, a apelação emocional, que basicamente trata-se de quando o jornalista busca aproximar-se do leitor mexendo com seu lado emocional, fragilizando-o. Tal característica é inserida para que aumente sua audiência, que chame a atenção da sociedade, não importando se isso acabe extrapolando alguns limites. Neste item foi encontrado apenas um indício entre as três reportagens analisadas, sendo na reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”.

Na Figura 16, é possível perceber no trecho destacado, referindo-se a genialidade e igualando Albert Einstein, Marie Curle, Galileu Galilei, Isaac Newton a

avó que inventou o bolo de cenoura. Para buscar maior proximidade com o leitor o jornalista acaba apelando emocionalmente.



Figura 16: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”

O principal objetivo do sensacionalismo é o show, fazer com que um fato jornalístico torne-se comercializável, ou seja, que renda algum tipo direto de benefício, como por exemplo, dinheiro, troca de favores, maior notoriedade, entre outros. A linguagem mais coloquial é usada, acompanhada de termos, muitas vezes, de baixo escalão. No item espetacularização não foi possível perceber nenhum indício de espetacularização nas três reportagens analisadas.

As gírias são usadas em situações que o jornalista quer se aproximar ao máximo do leitor. Ele transforma um texto jornalístico em tom de bate papo, e isso é ainda mais expressivo quando o texto é direcionado a um público mais jovem. Neste item foi possível perceber nas três reportagens analisadas, cinco momentos em que o jornalista usa gírias.

Na Figura 17 é possível destacar dois momentos em que o jornalista usa gírias. No início do parágrafo “Dizem que para a zoeira não há limites”. Já na linha seguinte “Para resolver o problema da falta de grana também não”.

Na Figura 18 foram encontradas três palavras que fazem parte das gírias. Na primeira parte destacada o jornalista usa “É por isso que dizer “eu não sei” pode ajudar a resolver problemas” após mais adiante no outro parágrafo, “Pode pegar mal assumir



ignorância numa reunião com o chefe”, nas próximas linhas “eu não sei” é usado novamente para justificar a vez anterior que foi usado: “Dizer “eu não sei” é o que move as pessoas a buscarem mais informações”.

Dizem que para a zoeira não há limites. Para resolver o problema da falta de grana também não. No começo dos anos 2000, a namorada do japonês Takeru Kobayashi inscreveu de surpresa em um concurso de comida, no Japão. A ideia era pagar a conta de luz com o valor do prêmio. Ele conseguiu. E se saiu tão bem que, no ano seguinte, resolveu ir aos Estados Unidos competir no maior concurso de comida do mundo. As regras eram simples: ele deveria comer o maior número de cachorros-quentes possível em apenas 12 minutos. Até então, o recorde era de 25 sanduíches. E Kobayashi conseguiu de novo. Mais do que isso, ele dobrou o recorde. (Atenção para o toque dramático) Cin-que-n-ta.

Figura 17: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”

Esse é o problema das previsões. Até Nostradamus errou. Como escrevem os autores do livro, o mundo está cheio de “empreendedores do erro” — líderes políticos, religiosos e empresariais que fornecem crenças capazes de aumentar seus lucros. É por isso que saber dizer “eu não sei” pode ajudar a resolver problemas; no caso de Elke, poderia até ter evitado um. Pode ser que ele não chegasse ao ranking dos mais ricos, mas, por outro lado, não estaria devendo US\$ 1 bilhão hoje. Obviamente, outros fatores contribuíram para a ruína do Império X, mas Elke tornou-se o símbolo de seu próprio fracasso.

Pode pegar mal assumir ignorância numa reunião com o chefe, mas essa talvez seja uma das melhores formas para chegar à raiz de um problema. Dizer “eu não sei” é o que move as pessoas a buscarem mais informações, como é o caso dos pesquisadores acadêmicos ou da equipe de jornalistas maravilhosos de GALILEU, por exemplo. Não dá para afirmar com certeza, mas talvez, se tivesse dito estas três palavras, a Lamborghini e a Mercedes ainda seriam os principais bibelôs da sala de estar de Elke Batista.

Figura 18: Reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”

O espanto ao ler uma reportagem, o assombro que ela provoca é devido ao uso de sensacionalismo. O jornalista usa uma linguagem carregada, com palavras de



significados que aumentem o assunto de fato e provoquem medo aos leitores, para assim prender sua atenção. Neste ponto foi possível perceber um momento em que o assombro é provocado. Na reportagem “Perigo (quase) invisível”, o *lead* apresenta palavras carregadas, as quais quando juntas, provocam espanto no leitor. Tais palavras foram destacadas para maior compreensão: “Para prevenir ataques **terroristas** com armas biológicas, laboratórios americanos mantêm cepas de bactérias e **vírus letais** para saber como neutralizá-los. Mas a **falta de segurança** já provocou vazamento de micro-organismos perigosos – e algumas **mortes**”. A análise apresenta resultados consistentes da produção de jornalismo científico e a presença de sensacionalismo na revista Galileu. Pode-se, a partir dela perceber que o sensacionalismo só está presente em uma das reportagens. No próximo capítulo as considerações finais definem e esclarecem cada ponto analisado e a que resultado foi chegado.

Após a pesquisa e análise ao fim do trabalho, é possível concluir, que de fato a revista Galileu produz o jornalismo científico. Desse modo, como foi definido durante a pesquisa, a revista se classifica como de divulgação científica, na qual a pesquisa científica é estudada pelo jornalista e transformada em algo legível a qualquer tipo de audiência. Bertolli (2014)

cita:

O que defendo, portanto, é a ideia de que o discurso de divulgação científica constitui um gênero de discurso científico, resultado de um efetivo trabalho de formulação discursiva, no qual se revela uma ação comunicativa que parte de um ‘outro’ discurso e se dirige para ‘outro’ destinatário (Zamboni, 2001, p. xviiiix).

Como foi apresentada nos dois primeiros capítulos, a grande missão do jornalismo de ciência é democratizar a informação que os cientistas têm em mãos, para que ela seja consumida pelo maior número possível de pessoas. Nas reportagens analisadas a linguagem usada é clara e de fácil entendimento, quando citado nomes de organizações ou palavras com significados mais complexos, nas linhas seguintes se encontra algo que exemplifique ou que de alguma forma deixe a leitura mais fácil. Também como aliado da informação, as três reportagens apresentaram informações para além do conteúdo do texto, números e até curiosidades sobre o tema, trabalhando com projetos gráficos e ilustrações de fácil entendimento e muito bem diagramadas. O material analisado, publicado pela Revista Galileu em novembro de 2014, nos forneceu uma ideia do padrão jornalístico sobre ciência que é consumida pelos leitores



brasileiros. É significativo o uso de uma boa tradução interlinguística, independentemente da matéria e seu conteúdo, quesito este, imprescindível para o bom jornalismo científico. No primeiro e segundo item da Tabela 1, tradução interlinguística e originalidade, é onde a pontuação é mais significativa. Quanto ao sensacionalismo o que percebemos é que das três reportagens analisadas, somente é possível dizer, que existe significativa presença de sensacionalismo na reportagem “Liberte-se da caixa e resolva seus problemas”, que tem como tema a sociedade /comportamento. Na Figura 16, é possível perceber que para buscar maior proximidade com o leitor o jornalista acaba apelando emocionalmente. O tema da matéria, muito mais direcionado a jovens, fez com que para atingir esse público o jornalista usasse gírias, item da Tabela 2 com mais pontuação. Normalmente um tema que é de interesse da massa, que lida com o emocional somente pelo seu contexto, quando acrescentado sensacionalismo passa de simples informação para apelação. Fiori et al (2011) cita Jorge (2008):

[...] quando a notícia deixa de ser o relato e passa a ser a maneira, ou a roupagem com que é apresentada – rápida, sem apuração rigorosa, feérica, fantasiosa, vestida para chocar, exagerada, apelando para as sensações, o assombro, a admiração ou a repulsão do consumidor -, deixa de ser notícia, falseando a imagem da realidade.

Ressalta-se nuances de poucas relevâncias, apenas garantidores de emoções, e contribui-se para reforçar mitos e credences. (JORGE, 2008, p. 78)

Na revista, a carga maior registrada na reportagem é em gírias, em dois momentos fica claro o uso de linguagem coloquial e jargões. Já nas outras duas reportagens, “Estado da arte” e “Perigo (quase) invisível” há pouco uso de entonações sensacionalistas, quase nulos, a não ser pela capa da reportagem “Perigo (quase) invisível” que se encaixa no item 5 da Tabela 2: Provocação de assombro, mesclando os dois assuntos em questão, jornalismo científico e sensacionalismo. Portanto, é necessário que o jornalismo de ciência realize – em cada edição, em cada página – uma avaliação do impacto social e político das descobertas científicas e também batalhe para que contribuam para o bem da sociedade, pensado tanto o uso de informações seguras, quanto o emprego do sensacionalismo.

Referências bibliográficas



ASSIS, Francisco de. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos**. 2010.

ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica: informação científica para a cidadania?** Brasília. 1996.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular / Márcia Franz Amaral**. São Paulo. 2006.

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus. 1995.

ARNT, Hérís. **Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais em Portcon – Intercon**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1123877617414235858-06970624436597686749.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 20014.

BACALTCHUK, Benami. **Notas de Aula, Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade de Passo Fundo, mimeografo, 2012**. Bortoni, Samanta Ferreira. **Lista de Revistas Científicas Nacionais**. 2014.

BORTONI, Samanta Ferreira. **Lista de revistas científicas nacionais**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/engsanitariaeambiental/files/2012/04/Revistas-Nacionais-vers%C3%A3ofinal1.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

BUENO, Wilson da Costa. **O Jornalismo Científico e o compromisso das fontes**. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/reproducoes_jorn_cient.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2014.

CECILIO, Evane. **A infografia no jornalismo impresso: além da simples complementação, um novo modo de se fazer jornalismo**. 2011.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 6. ed. São Paulo: Summus. 1996.

FERREIRA, Fábio Gonçalves. **Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte**. 2012.

FILHO, Claudio Bertolli. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo Científico**. 2014. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementosfundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso 20 de setembro de 2014.

FIORI, Bruna da Silva; NICOLETTI, Taís Barbosa; BOZZA, Vinícius Pacheco; ARAKI, Violeta Ayumi Teixeira. **Jornalismo e Sensacionalismo: O Fato, A Notícia e o Show**. Universidade do Oeste Paulista. 2011.

FLORES, Natália Martins. **Identidades Midiáticas: A Construção da Identidade de Ciência na Revista Galileu**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2012/07/Nat%C3%A1lia-Flores-Disserta%C3%A7%C3%A3o-2010.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2014. 49



GÓES, José Cristian. **Marcos na história do jornalismo sensacionalista: a construção de uma estratégia mercadológica na imprensa.** Ouro Preto – MG. 2013.

GRADIM, Anabela. **Manual do Jornalismo.** Universidade da Beira Interior. 2000.

LUGÃO, Ana Luiza. **Jornalismo Sensacionalista: O Programa Brasil Urgente em Cena.** Brasília – DF. 2010.

LIMA, Luiz Carlos S. R. **Jornalismo científico. Análise da Superinteressante e suas tendências atuais.** 2008. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2008/08.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2014.

MORAES, S e outros. **Jornalismo em revista: O caso da Superinteressante.** Disponível em: <http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos/artigo02%20-%20adv06.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo.** Florianópolis, Editora da UFSC. 1992

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico/Fabiola de Oliveira,** São Paulo. 2010.

REVISTA GALILEU. **Questione, entenda, evolua.** www.revistagalileu.globo.com. Acessado em: 19 de novembro de 2014

RIOS, Aline de Oliveira; MACHADO, Ana Caroline; KNOLL, Flaiane Cristine;

OLIVEIRA, Márcio de; PORTES, Marlene Valski; SILVA, Thiago Cruz Ferreira da. **Jornalismo Científico: O Compromisso de Divulgar Ciência à Sociedade: A comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas.** Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/-2785/2070>. Acesso em: 4 de novembro de 2014.

SILVA, Rodrigo Carvalho. **História do Jornalismo: evolução e transformação.** UNESP. 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Historia Da Imprensa No Brasil - Coleção Comunicação–** Vol. 46 / Liv. 2011. 50

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística.** Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2014.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Uma especialização que vem da especialidade: das aproximações entre revista e jornalismo especializado em Vida Simples.** Universidade Tuiuti do Paraná. 2011. VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo de Serviço: O gênero utilitário na mídia impressa brasileira.** São Bernardo do Campo - SP. 2009.